

Comunicação de causas

reflexões e provocações
para novas narrativas

realização

Fundação
Tide
Setubal



apoio



alana

NAR-
RATI-
VAS

Comunicação de causas

reflexões e provocações para novas narrativas

FICHA TÉCNICA

Supervisão geral Fernanda Nobre

Coordenação Fundação Tide Setubal, Instituto Alana, Rede Narrativas

Parceiro técnico responsável pela publicação Move Social

Pesquisa e redação Gabriela Brettas e Tânia Crespo

Relatoria e sistematização Walquíria Tiburcio

Projeto gráfico e diagramação Estúdio Nono

Realização Fundação Tide Setubal

Apoio Instituto Alana e Rede Narrativas

F981c FUNDAÇÃO TIDE SETUBAL

Comunicação de Causa : reflexões e provocações para novas narrativas [recurso eletrônico] /Fundação Tide Setubal [Coordenação : Fundação Tide Setubal; Instituto Alana; Rede Narrativas : Supervisão Geral : Fernanda Nobre; Pesquisa e Redação : Gabriella Brettas e Tânia Crespo]. — São Paulo, SP : Fundação Tide Setubal, 2020.

recurso digital : il.

Formato: PDF (Portable Document Format) Modo de acesso: <<https://fundacaotidesetubal.org.br/downloads/publicacoes/3083/comunicacao-de-causas-reflexoes-e-provocacoes-para-novas-narrativas>>

1. Comunicação de Causa. 2. Comunicação Pública. 3. Direita e Esquerda (Ciência Política). 4. Radicalismo Político-Ideológico 5. Brasil — Política Sociedade. 6. Livros Eletrônicos. I. Fundação Tide Setubal. II. Título.

CDD: 302.3 CDU:32(81)

Como citar este trabalho: FUNDAÇÃO TIDE SETUBAL. Comunicação de Causa : reflexões e provocações para novas narrativas [recurso eletrônico]. São Paulo. ANO. Disponível em:< <https://fundacaotidesetubal.org.br/downloads/publicacoes/3083/comunicacao-de-causas-reflexoes-e-provocacoes-para-novas-narrativas>> Acesso em: Data de acesso com mês abreviado.



SUMÁRIO

Agradecimentos	5
<hr/>	
Apresentação	7
<hr/>	
O que pretende esta publicação?	9
<hr/>	
Características e práticas de diálogo entre diferentes campos	19
Desafios no diálogo com quem pensa diferente	21
<i>Dinâmicas presentes no diálogo</i>	22
<i>Conversas em contexto de radicalismo político-ideológico</i>	27
O diálogo na prática: estratégias e desafios na forma como os diferentes campos se comunicam	31
<i>A prática de comunicação do campo conservador</i>	33
<i>A prática de comunicação do campo progressista</i>	37



SUMÁRIO

Caminhos e possibilidades para mudar a forma de comunicar causas **44**

Princípios que orientam novas abordagens de comunicação de causas progressistas **46**

O desafio de se comunicar sem abrir mão de posicionamentos e valores **53**

Dicas práticas para construção de novas narrativas **56**

Mensagens finais **62**

Referências **67**



AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todas as pessoas, grupos, coletivos e organizações que contribuíram com o processo de pesquisa e produção de conteúdo desta publicação, participando da oficina e de entrevistas: Amauri Eugênio Jr., Fábio Tsunoda, Fernanda Nobre, Márcio Black, Maria Alice Setubal, Mariana Almeida e Mariana Rufino (Fundação Tide Setubal); Américo Sampaio (Purpose); Breno Barlach (Plano CDE); Camila Rocha (pesquisadora); Cris Bartis (Mamilos); Cristina Fernandes (Instituto Vladimir Herzog); Eduardo Zanelato (Mutato); Esther Solano (pesquisadora); Giovana Bianchi (GIFE); Guilherme Valadares (Papo de Homem); Carolina Pasquali, Gut Simon e Laura Leal (Instituto Alana); Jéssica Cerqueira (Quebradas Maps); João Brant (pesquisador); Kinda Silva (Engajamundo); Leandro Machado e Mônica Gregori (Cause); Mariana Vasconcellos (Rede Globo); Poka Nascimento (Oxfam); Rafael Poço (Despolarize); Sandra Mara Costa (Rede Narrativas); Vinícius Lima (SP Invisível); e Well Amorim (Mova).

Também agradecemos às pessoas que, gentilmente, apoiaram a revisão desta publicação: Arthur Da Hora; Gustavo Federico Apablaza; Marcelo Brettas; Mateus Lima; Sandra Narita; Telma Crespo; e Walquíria Tibúrcio.



Participantes da oficina *Comunicação de causas: Caminhos e Possibilidades para Novas Narrativas*, realizada em 11 de fevereiro na sede da Fundação Tide Setubal, que reuniu diferentes atores de segmentos diversos da sociedade civil para uma reflexão e produção coletiva sobre os temas abordados.



APRESENTAÇÃO

A presença de pensamentos diversos é natural e saudável no campo democrático. O que não combina com a democracia é a falta de diálogo, a transformação do outro em inimigo e a ideia de que apenas uma visão deve prevalecer. Mas, infelizmente, o que temos assistido crescer no Brasil nos últimos anos é justamente a forte polarização entre aqueles que têm visões diferentes, deslegitimando a divergência e enfraquecendo a democracia.

Com foco na justiça social e no desenvolvimento das periferias, contribuindo para a redução das desigualdades nas grandes cidades, a Fundação Tide Setubal atua na busca de uma sociedade mais justa, livre e igualitária. Escuta e diálogo são princípios para o trabalho desenvolvido há 14 anos.

Orientada por esses valores e conectada ao contexto brasileiro, em 2019, a Fundação Tide Setubal lançou a pesquisa *O Conservadorismo e as Questões Sociais*, estudo realizado em parceria com a Plano CDE com o objetivo de conhecer pensamentos, valores e posições de quem está no espectro do conservadorismo, buscando entender por que alguns temas fundamentais para o desenvolvimento dos territórios periféricos geram tanta polarização e dificuldade de diálogo.

Entre as diversas análises realizadas a partir das entrevistas, a *comunicação* se colocou como um dos grandes desafios para o campo progressista. A forma como nos colocamos em defesa de causas como equidade racial e de gênero, violência ou direitos humanos não gera conexão e, muito menos, engajamento, um dos pontos centrais para a mobilização e o diálogo em torno desses temas.



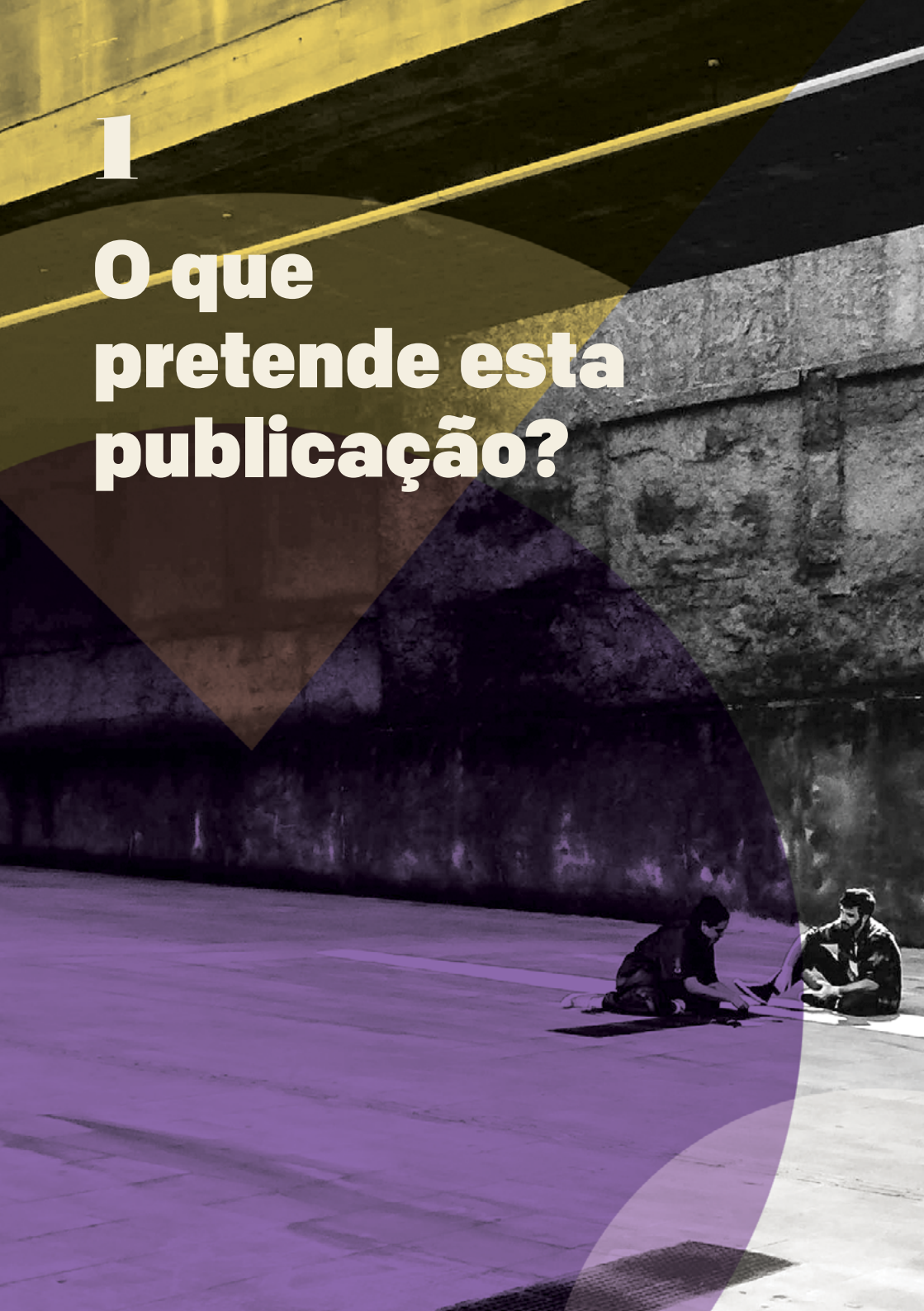
Esses resultados nos provocaram a dar mais um passo nessa jornada de forma conjunta. Ao lado do Instituto Alana, da rede Narrativas — apoiadores desse projeto — e de um grupo diverso de comunicadoras e comunicadores, ouvimos pesquisadores e nos reunimos em um exercício de análise e questionamentos sobre: quais mudanças precisamos fazer na abordagem de nossas causas e crenças para evitar a polarização? Quais valores são capazes de nos aproximar e gerar pontos de contato na busca da transformação? De que forma podemos dialogar?

Você pode conferir os frutos dessa análise nas próximas páginas. Nossa intenção não é a de apresentar uma fórmula. Longe disso, como o título **Comunicação de Causas: reflexões e provocações para novas narrativas** afirma, nosso desejo é compartilhar elementos que possam inspirar outras jornadas de comunicação e diálogo no campo democrático.

Fundação Tide Setubal

1

O que pretende esta publicação?





Ao comunicar uma causa, como dialogar com grupos orientados por valores diferentes dos nossos? Como “furar a bolha” para compreender e acessar outros pontos de vista? Estas e outras inquietações surgiram e ganharam corpo a partir dos resultados da pesquisa *O Conservadorismo e as Questões Sociais*, realizada em 2019 pela Fundação Tide Setubal, em parceria com o Plano CDE.



Em um contexto de emergência de tendências conservadoras na sociedade brasileira, o estudo buscou compreender os valores, anseios e preocupações de grupos nomeados de “conservadores médios” — definidos como brasileiras e brasileiros não radicais de “classe média”¹.

O uso dos termos *conservador* e *progressista* aqui proposto tem a intenção de identificação de grupos de pessoas, entendendo esse uso como um artifício comunicativo e reconhecendo a diversidade (de perfis, valores e opiniões) existente em cada um desses campos.

É importante ressaltar que, como na pesquisa mencionada, esta tem como foco as possibilidades de diálogo com as pessoas conservadoras moderadas — com as quais é possível estabelecer pontes de diálogo e ter uma prática política comum.

Os achados do estudo permitem entender melhor o perfil desse público (pessoa conservadora moderada) e quais são as lógicas que estruturam sua perspectiva, chamando a atenção para como o campo progressista desconhece e tem dificuldades de dialogar com esse grupo. Este novo material se propõe a refletir sobre novas possibilidades de comunicação: quais mudanças de posturas e abordagens o campo progressista precisa percorrer para conseguir se comunicar efetivamente com o público conservador?

A premissa que orienta a reflexão — e que também é reforçada pelos achados da pesquisa — é a de que existe um terreno comum, um conjunto de valores compartilhados, entre os campos progressista e

1 Como detalhado na descrição sobre a metodologia utilizada na pesquisa, o recorte do público participante do estudo, além de critérios de renda, considerou pessoas que, no espectro de opinião e eleitoral, têm perfil conservador moderado.



conservador, mas que, por uma série de fatores de conjuntura, esses grupos têm se distanciado a tal ponto que o diálogo tem se tornado, cada vez mais, impraticável.

A intenção central desta publicação é apoiar organizações do terceiro setor — organizações da sociedade civil e do investimento social privado, movimentos sociais, grupos e coletivos —, em especial comunicadoras e comunicadores que nelas atuam, a fomentar a reflexão em torno desse desafio. Assim, o foco das análises e proposições aqui apresentadas está voltado à perspectiva organizacional/institucional, muito mais do que às relações individuais/pessoais — ainda que este seja um tema interessante e que vem recebendo grande atenção atualmente. Além disso, a proposta não é trazer visões únicas e lineares, tampouco respostas simplistas para temas complexos, mas sim evidenciar contrapontos e tensões que permeiam essa conversa, possibilitam deslocamentos e oferecem novos olhares.

Fruto do interesse e esforço conjunto em refletir o tema, esta publicação reúne perspectivas e contribuições de diferentes pessoas, grupos, coletivos e organizações. O caminho metodológico seguido para a produção deste material percorreu as seguintes etapas: revisão bibliográfica; duas entrevistas com especialistas (Esther Solano e Rafael Poço); e a realização e sistematização da oficina *Comunicação de causas: caminhos e possibilidades para novas narrativas*, que reuniu diferentes atores (organizações da sociedade civil e do investimento social privado, coletivos, profissionais e instituições de pesquisa, veículos de comunicação, agências de comunicação de causas, entre outros) para uma reflexão e produção coletiva sobre os temas abordados.²

2 Ao longo do texto são feitas menções às ideias e construções literais produzidas nas etapas de pesquisa — no caso de falas dos participantes da oficina, a autoria não é identificada, uma vez que compõem a construção coletiva e compartilhada.



A reflexão proposta é dividida em dois principais eixos. O primeiro é dedicado a identificar e contextualizar o “problema” tratado, em um exercício de análise sobre as dinâmicas e práticas presentes na forma como, atualmente, os diferentes campos têm se comunicado. Já o passo seguinte está interessado em discutir possibilidades de mudança, explorando novas abordagens, posturas e estratégias de comunicação que potencializem o diálogo com grupos conservadores.

Esperamos que as reflexões aqui presentes abram caminhos para que comunicadoras e comunicadores do campo progressista possam ajustar suas estratégias, aprimorar narrativas e, principalmente, mobilizar novos públicos para o fortalecimento de diferentes causas, tão necessárias para o desenvolvimento de um país mais justo, democrático e sustentável.



Percepções e valores das pessoas conservadoras moderadas

Alguns achados da pesquisa *O Conservadorismo e as Questões Sociais* sobre valores e lógicas que estruturam o pensamento dos “conservadores médios”, aqui destacados, podem inspirar e qualificar a reflexão sobre as possibilidades de comunicação com eles. Segundo o estudo, para as pessoas entrevistadas:

- Os valores mais importantes se organizam em um eixo central: ordem. Há uma percepção de falta de ordem — nas famílias, nas escolas, nos espaços públicos e na política — e de decadência moral.
- É necessário recuperar a convivência familiar e retomar a ordem.
- Importa o que é relacionado à sua comunidade de pertencimento, às suas raízes e costumes. Os valores tradicionais lhes geram sensação de conforto e estabilidade.



- Temas e discussões concretas tendem a criar maior aproximação e espaço de empatia, enquanto formulações mais abstratas e genéricas sobre as questões tratadas são menos valorizadas.
- Há dois conjuntos simbólicos principais que são valorizados: o “hierárquico”, baseado em valores como tradição, disciplina e autoridade; e o “cristão”, que adota uma ética cristã como reguladora do mundo — e que tem especial potencial de abrir brechas para o diálogo.
- Valorizam a ideia de “homem trabalhador/batalhador”, que é visto como abandonado pelo Estado.
- Desemprego, crise e violência geram um sentimento de descartabilidade.
- A sensação de abandono está por trás da crítica aos “direitos humanos”. As políticas que combatem desigualdades são percebidas como uma ação que privilegia sempre um ou outro grupo, e não algo para todos e todas.
- Percebem o Estado como ineficiente para fiscalizar beneficiárias e beneficiários de programas de transferência de renda, que não incentivam o esforço individual.
- Têm empatia em relação a situações de injustiças, mas não aceitam que questões de classe, gênero e raça, por exemplo, sejam estruturais e estruturantes.



- Têm uma visão difusa de “esquerda” (relacionada a corrupção, caos, conflito, defesa de pautas identitárias, arrogância e doutrinação) e de “direita” (a qual se atribui as noções de ordem, hierarquia, respeito pela opinião do próximo, igualdade, valorização da família e defesa do esforço individual/livre mercado).
- Há reconhecimento de injustiças no acesso a oportunidades iguais. A pobreza e a desigualdade territorial são vistas como algo que afeta a todas e todos.
- Valorizam a lógica da igualdade, com a ideia de que “somos todos iguais”, já que vários grupos sofrem preconceitos. Rechaçam a lógica da diferença, entendendo que políticas específicas para um grupo são formas de lhe garantir privilégios (exemplo: cotas raciais).
- Enfatizam saídas individuais ou a partir da família, em detrimento de saídas coletivas — as soluções para preconceitos, por exemplo, são entendidas como relacionadas a mérito e ao comportamento individual.
- Os movimentos identitários são fortemente criticados. Apontam exageros e reivindicações desnecessárias, extremismos e performances. Há a ideia de que querem ser superiores aos demais e são vistos como agressivos e desrespeitosos.
- O papel desempenhado pelas organizações da sociedade civil (ou ONGs) na sociedade não é claro. Há muita desconfiança sobre como e por quem elas seriam financiadas, tendo em vista os possíveis casos de



corrupção e de organizações que estariam associadas a interesses político-partidários.

- Têm um forte desejo de mudança e sentimento de esperança.

A entrevista com Esther Solano³ — doutora em Ciências Sociais pela Universidade Complutense de Madri, professora de Relações Internacionais da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e uma das responsáveis por este estudo — joga luz sobre algumas análises interessantes relacionadas a esses achados.

A pesquisadora mostra como é central a percepção de falta de ordem dentre o público “conservador médio”, que se desdobra em diferentes dimensões:

“A falta de ordem se determina, primeiro, na desordem material, com a ideia de uma **insegurança material** muito forte (econômica, o desemprego a longo prazo, a questão do trabalho, etc.); há uma **insegurança baseada na questão do medo** da violência; e uma insegurança que é muito mais sutil e sofisticada que é a **simbólica e social** — baseada na perda de influência da família e dos valores tradicionais e de subversão das categorias e das hierarquias tradicionais básicas.”⁴

O olhar para o conjunto das percepções captadas na pesquisa chama a atenção para visões legítimas e fundamentadas e que, em diversos

3 Entrevista com Esther Solano realizada em 12 de março de 2020.

4 Fala da pesquisadora Esther Solano na mesa do evento de lançamento da pesquisa *O Conservadorismo e as Questões Sociais*.



pontos, tocam em valores e ideias também compartilhados pelo público progressista. Segundo Esther, uma das principais conclusões do estudo é que:

“Nós temos muito mais pontos parecidos, que nós poderíamos tentar conversar, do que diferentes. Mas que muitas vezes ficam escondidos.”

“Uma coisa importante da pesquisa é que a gente falou com o conservador moderado. [...] Estamos tratando de pessoas que dá sim para conversar e ter uma prática política comum.”

Assim, um desdobramento dessa reflexão é o convite para que exercitemos uma leitura e postura interessada e humanizada sobre o grupo conservador moderado, o que implica nos desvestirmos de imagens preconcebidas e também revermos nossas visões:

“Se a gente quiser de fato furar essa bolha, falta iniciativa nossa de a gente se deslocar fisicamente e simbolicamente também, para uma escuta do outro lado. E é claro que tem coisas desagradáveis, que você não gostaria de ouvir, mas é isso.”

2

Características e práticas

de diálogo entre
diferentes campos



O primeiro passo da conversa aqui proposta destaca como o diálogo entre diferentes grupos e campos tem acontecido na prática. Para isso, partiremos de uma reflexão sobre o que caracteriza o diálogo e, mais especificamente, como ele é influenciado por um contexto de polarização política, como acontece no cenário brasileiro.



Em seguida, o olhar estará voltado para entender de que maneira os campos conservador e progressista têm comunicado suas causas — as estratégias, inovações e desafios que cada um deles tem vivenciado na difusão e engajamento para suas agendas.

Como é de se esperar, esse debate é denso e envolve diferentes interpretações e não temos a pretensão de esgotar essas análises. O que pretendemos é criar um bom caldo para que, diante das práticas e dificuldades identificadas, possamos pensar em quais mudanças se mostram importantes na comunicação de causas progressistas para envolver de maneira mais intencional e eficiente os grupos conservadores.

DESAFIOS NO DIÁLOGO COM QUEM PENSA DIFERENTE

“O diálogo é um encontro feliz entre duas intencionalidades. Ele vem da criação de um ambiente comum em que os dois lados participam e extraem de sua participação algo novo, inesperado, que não estava em nenhum deles.” Ciro Marcondes Filho⁵

5 GNT. *Meia Palavra*. 2018.



DINÂMICAS PRESENTES NO DIÁLOGO

Ao longo dos milênios, nos organizamos a partir da colaboração. No entanto, em um contexto de desemprego, desigualdade social e violências de todos os tipos, ganha cada vez mais força o sentimento de insegurança e incerteza. Com isso, é mais intensa a percepção de que as pessoas são menos importantes, descartáveis. Em um quadro como esse, os indivíduos se veem em lugar de muita solidão e sensibilidade frente às tentativas de troca — ou de diálogo — com quem conversa a partir de valores e crenças diferentes das suas.

Podemos entender o diálogo como um ato de curiosidade, uma abertura para a transformação que só acontece a partir do interesse genuíno pela outra pessoa (ou por outro grupo, outro campo). Trata-se de uma dinâmica capaz de gerar novas ideias, estruturas de pensamento ou até mesmo uma nova perspectiva — e não a busca pela defesa e manutenção das próprias posições, como acontece na discussão e no debate. No entanto, no atual cenário, há uma percepção bastante generalizada de que esse ato tem sido muito pouco praticado.

“A ausência de curiosidade pelo outro tem levado a gente à ausência de pergunta, à ausência de conexão. Então, [o diálogo] não vai funcionar mesmo. E não é uma curiosidade estratégica não. É uma curiosidade humana, de humildade de saber que toda relação que eu tiver com alguém, eu vou aprender alguma coisa, de olhar para o outro e falar ‘o que eu vou aprender com essa pessoa? Deixa eu ouvir ela falando’ e não ‘o que eu vou ensinar para essa pessoa?’.” participante da oficina

Para uma pessoa orientada por um conjunto de valores diferentes aderir a uma nova ideia, ela precisa se sentir entendida e respeitada. E o



contrário também pode acontecer: se a pessoa não se sentir apreciada e incluída na comunicação, é possível que se fortaleça uma percepção de rejeição e que o diálogo ou conexão com uma causa dificilmente aconteça. Essa ideia se baseia no reconhecimento da necessidade básica do ser humano de se sentir valorizado e incluído para, então, iniciar um diálogo.



Breves contribuições da neurociência para entender os diálogos

A maneira que os diálogos se estabelecem e os desafios para que eles aconteçam também são temas discutidos pela neurociência. Muitas são as contribuições dessa área de conhecimento para entender quais são os mecanismos cerebrais que influenciam nossas dinâmicas de comunicação. A entrevista com Rafael Poço⁶ — advogado, ativista e fundador do *Despolarize* e pesquisador interessado na articulação da neurociência com as dinâmicas sociais — trouxe algumas dessas questões que são aqui destacadas de modo pontual, considerando que este é um campo denso de conhecimento cujo aprofundamento foge do escopo desta publicação.

O pesquisador explica que o nosso cérebro gera alinhamentos automáticos ao receber posicionamentos ou termos que já são carregados de sentido. Há palavras que, ao escutarmos, já são associadas emocionalmente a ideias e nos causam algum mal-estar, mesmo que não tenhamos consciência dessa operação — e essa

6 Entrevista com Rafael Poço realizada em 17 de abril de 2020.



dinâmica é ainda mais intensa no contexto do que Rafael chama de “polarização sectária”:

“O problema da polarização sectária é que ela enfraquece ainda mais as relações. Ela gera alinhamentos automáticos e isso nos faz desacreditar as ideias, meramente porque elas vieram de outro lado. Também tem todas as cadeias de redes de neurônios que fazem com que a gente, ao entrar nesse posicionamento, automaticamente não consiga (não é que não queira!) acessar aquilo que os outros estão tentando expressar para a gente.”

Também é interessante compreender a maneira como o cérebro processa sentimentos como a rejeição e sua influência sobre as preocupações que as pessoas tendem a ter sobre si quando estabelecem relações:

“O ponto zero é que a gente não consegue convencer ou persuadir alguém sem, no mínimo, fazer a pessoa se sentir entendida, acolhida e respeitada. Existem necessidades fundamentais que, quando não são atendidas, de certa forma, geram emoções negativas. Quando não me sinto apreciado ou incluído, me sinto rejeitado. Há estudos interessantes sobre como a rejeição é processada no cérebro, no mesmo córtex que processa a dor física: se eu não me sinto aceito (pode ser nas minhas ideias, em um grupo, se eu me sinto ofendido, distanciado), isso me desperta emoções negativas, automaticamente, não é racional. Essas emoções e ações negativas geram comportamentos, eu



me protejo da melhor forma possível para que nada me atinja, impermeável ao que vem de fora ou vou reagir de volta como uma defesa.”

Na neurociência, os chamados vieses cognitivos se referem a tendências de confirmação de crenças ou hipóteses já existentes, uma vez que há mecanismos neurológicos que nos levam a acreditar nas mensagens que primeiro nos chegam. Assim, é comum procurarmos ou interpretarmos informações que confirmem concepções que já temos (“viés da confirmação”) ou confiarmos demais em referências do passado ou em partes das informações para tomar decisões (“viés da ancoragem”). Rafael comenta que existem, inclusive, motivos adaptativos de evolução para isso. Como aborda o estudo [Meia Palavra](#)⁷:

“O ‘viés de confirmação’ é um dos atalhos que usamos para dar coesão ao mundo, essa tendência cognitiva que faz com que nós tenhamos mais propensão de lembrar, pesquisar informações ou interpretar fatos de maneira que eles confirmem nossas crenças ou hipóteses.”

7 GNT. *Meia Palavra*. 2018.



CONVERSAS EM CONTEXTO DE RADICALISMO POLÍTICO-IDEOLÓGICO

A existência de diferenças de opiniões e visões ideológicas sempre existiu e é característica central no funcionamento da democracia. As divergências ideológicas não se configuram, em si, como um problema a ser enfrentado. A grande questão, fruto de muita atenção e debate nos tempos atuais, é a maneira pela qual essas diferenças são tratadas em uma sociedade, com implicações na possibilidade de diálogo e empatia entre partes que têm opiniões distintas.

A tendência a um binarismo ideológico, observada no período recente, leva as pessoas a considerarem a existência de apenas dois polos possíveis - nós *versus* eles, certo *versus* errado, bom *versus* ruim. Essa lógica maniqueísta no campo das ideias limita o fortalecimento de um tecido social plural e diverso, capaz de compreender e reconhecer a existência de outras e novas possibilidades de opiniões, valores e crenças.

Nas entrevistas realizadas, Esther Solano e Rafael Poço chamam a atenção para o “radicalismo político” ou o “sectarismo” — e não a divergência de visões em si — como um grande desafio que caracteriza o atual cenário social e político brasileiro:

“O problema é que entramos em uma espiral de radicalismo político (...) que impossibilitou algo que é fundamental na democracia que é a conversa entre adversários políticos e ideologias diferentes; democracia é isso, é conflito ideológico.” Esther Solano

“O que a gente naturalizou foi o sectarismo entre o ‘nós’ e ‘eles’. O problema não é [existir] o ‘nós’ e ‘eles’, o



problema é achar que tudo que vem do ‘eles’ ofende o ‘nós’, e tudo que vem do ‘nós’ é moralmente superior, correto, intelectualmente superior ao ‘eles’. O problema é a polarização sectária, que gera estereótipos. Antagonismos e conflito entre A e B são naturais e desejáveis na democracia. Terminar uma conversa entendendo que nossas posições são diferentes, a partir de nossa vivência e percepção de cada um, é saudável; se recusar a uma conversa porque temos visões diferentes — e é o que está acontecendo —, isso muda completamente.” [Rafael Poço](#)

Uma implicação importante deste cenário é a impossibilidade do estabelecimento de diálogo, dada a dificuldade de escutar, respeitar e considerar opiniões que venham “do outro lado”. Descrédito, desconfiança e até mesmo violência se tornam sentimentos e comportamentos comuns nessas dinâmicas que desumanizam interlocutoras e interlocutores que estejam em outros campos.

“A polarização política influencia as causas porque as pessoas ficam cegas, são contra ou a favor independentemente dos argumentos e dos fatos. Os a favor não veem nenhuma crítica, e os contrários não veem nenhum mérito. Não existe diálogo, todo mundo só discursa. Apenas falam e não trocam. Tudo é muito reativo.” [André Cervi e Luis Fernando Cardoso](#)⁸

“A polarização vira um problema quando eu deixo de considerar as posições antagônicas como legítimas ou mesmo como equivocadas, e passo a atribuir a todos que

8 Citação no livro *O fluxo das causas* (2016, p. 42-43).



pensam desta forma intenções maliciosas ou falha de caráter. Segundo estudos de neurociência e ciências comportamentais, isso gera consequências: oponentes passam a ser percebidos como ameaça (pelo simples fato de serem oponentes), o que pode levar a maior aceitação de medidas extremas, inclusive violência, para barrá-los e ‘se proteger’ ou garantir a sobrevivência do grupo. Quebra-se o valor da reciprocidade.” Rafael Poço – entrevista

Mas se, por um lado, o tema e as posturas acirradas de um contexto de radicalismo político têm marcado o debate público, por outro lado, essa ideia de polarização não é uma realidade objetiva da sociedade, já que a parcela que se identifica com os extremos (ou uma imagem de extremos) é uma minoria. Como explora Esther Solano, a consequência imediata dessa tensão é que as ideias e valores comuns se perdem e as possibilidades de encontro e diálogo são ameaçadas. Um exemplo disso é a atribuição de alguns conceitos, termos ou áreas a determinados campos políticos, muitas vezes, sem que haja alguma relação lógica para isso: as pautas ligadas às pessoas com deficiência ou a idosos seriam vinculadas ao campo conservador, enquanto saúde da mulher ou direitos humanos são vistos como questões dos progressistas — apenas para citar alguns exemplos.

“E o mais importante é que você tem na população uma enorme maioria de pessoas que não se identifica nem com a extrema direita e nem com a extrema esquerda, [pessoas] que são mais ou menos conservadoras, mais ou menos progressistas, que ficam reféns dessa lógica de polarização e não têm um denominador comum para fazer políticas comuns. (...) O problema é esse, que nós temos muitos pontos de fato convergentes, mas, num



cenário polarizado (...), a gente não consegue enxergar esses pontos.” Esther Solano — entrevista

Ainda sobre a ideia de um clima difundido de polarização, é interessante observar uma percepção geral de que as posturas radicalizadas e a dificuldade de diálogo e empatia estão sempre no outro. As pessoas não costumam se ver como parte desse desafio. A pesquisa *O Conservadorismo e as Questões Sociais* também aponta para isso, revelando que o público “conservador médio” tem desejo de mudança do cenário político e lamenta a polarização política, ao mesmo tempo que se percebe fora dela.



O DIÁLOGO NA PRÁTICA: ESTRATÉGIAS E DESAFIOS NA FORMA COMO OS DIFERENTES CAMPOS SE COMUNICAM

“Oh! Alto e baixo em círculos e retas, acima de nós, em redor de nós as palavras voam. E às vezes pousam.”

Cecília Meireles

No momento em que vivemos, há uma lacuna profunda nas práticas de diálogo. Falamos e pensamos, muitas vezes, de maneira cartesiana — concordando ou discordando —, sem incluir na prática do diálogo a subjetividade e a possibilidade que algo novo surja a partir desse encontro. O objetivo central, ainda que não reconhecido intimamente, muitas vezes, é convencer a outra pessoa, e não dialogar.

Soma-se a isso a dificuldade de escutar ativa e empaticamente, o que compromete o fluxo de comunicação e, conseqüentemente, inibe a capacidade de criar relacionamentos mais significativos, que partam da perspectiva que as diferenças são de fato relevantes. Dentro dessa lógica, para além de exercitar a escuta mais qualificada, que permita a outra pessoa a se revelar, torna-se fundamental ter em mente quais são



os pontos de partida de quem está na conversação, como destaca o estudo *Meia Palavra*⁹:

“Escutar ativamente cria a compreensão verdadeira, permite entender, em alguma medida, os processos mentais do outro e suas necessidades afetivas, que nem sempre são as mesmas que as nossas.”

Por outro lado, o medo do julgamento é também outro entrave que dificulta uma postura propícia ao diálogo. É interessante perceber que essa postura envolve uma dificuldade de assumir a existência do contraditório que reside em cada um e cada uma de nós.

“Há medo no diálogo. As pessoas têm medo de serem acusadas de racistas e machistas e acabar com sua reputação.” participante da oficina

Esses desafios ganham uma dimensão mais dramática quando se transfere o espaço de diálogo ou de conversa para as redes sociais e a internet. Sem o cara a cara, há a impressão de maior controle sobre as conversas, o que, em um primeiro momento, pode trazer uma sensação aparente de maior facilidade para lidar com as relações humanas. No entanto, cancelar, julgar, expressar descontentamento e até agredir passaram a ser dinâmicas corriqueiras no ambiente virtual que, se transpostas para o encontro presencial, dificilmente aconteceriam com a mesma intensidade. Tais atitudes contribuem para o desgaste nas relações e o acirramento das distâncias entre as pessoas.

Essas práticas de comunicação vêm, cada vez mais, tornando-se marcas da nossa sociedade, adotadas pelos diferentes campos políticos e ideológicos, instituições e indivíduos. Por um lado, a internet

9 GNT. *Meia Palavra*. 2018.



possibilita encontros improváveis, ao mesmo tempo que virou esse espaço de “tribunal” baseado na máscara do anonimato. Por outro, as relações presenciais também encontram desafios no estabelecimento de diálogos efetivos, orientados pela escuta e interesse no outro.

Entretanto, é possível observar diferenças na forma como grupos e organizações dos campos progressista e conservador têm comunicado suas pautas, seja nas estratégias adotadas, seja na efetividade de sua difusão e adesão. Os próximos itens analisam as dinâmicas presentes em cada campo.

A PRÁTICA DE COMUNICAÇÃO DO CAMPO CONSERVADOR

“A vida não é feita de direitos e deveres, de números a serem respeitados e de formulários a preencher. O novo Carnaval não se afina com o senso comum — ele tem sua própria lógica, mais próxima daquela de um teatro do que de uma sala de aula, mais ávida de corpos e imagens que de textos e ideias, mais concentrada na intensidade da narrativa que na exatidão dos fatos.” [Os Engenheiros do Caos, p. 23](#)

Algumas características marcam as estratégias e dinâmicas de comunicação utilizadas pelo campo conservador para transmitir suas ideias. Importante ressaltar que o foco desta seção está na forma como os grupos, coletivos, organizações, influenciadoras e influenciadores e partidos políticos que compõem o campo conservador desenvolvem estratégias para comunicar suas causas. Assim, o termo “conservador” é aqui utilizado de maneira distinta ao empregado anteriormente, referindo-se a esses atores que, de forma estruturada e intencional, buscam ampliar



a difusão e adesão às suas pautas — e não mais pessoas (indivíduos comuns que compõem a sociedade) que, no espectro ideológico, têm valores que podem ser identificados como conservadores moderados.

Uma das estratégias que chama a atenção é a adoção de uma narrativa moralista forte, com a veiculação de análises genéricas e superficiais — envolvendo, por exemplo, ideias como “situação de corrupção generalizada”, “Estado ineficaz”, “superioridade das soluções da iniciativa privada” ou “valor da meritocracia”. Ainda que também se observe construções análogas no campo progressista, no caso do campo conservador, percebe-se que essas análises chegam de modo intenso a uma parcela mais ampla de cidadãos e cidadãs. Com forte apelo aos seus valores mais caros, elas provocam uma adesão apressada — ancorada no viés da confirmação — que não permite interpretações ou contrapontos mais profundos — sendo, portanto, bastante eficiente.

Como explica Esther Solano, o uso de conteúdos superficiais, retrógrados e, em muitos casos, preconceituosos e apelativos é uma ferramenta para rápida associação e difusão dessas grandes narrativas:

“Há um conteúdo informativo muito moralista [...] [com o uso de] valores morais, religiosos, cristãos, mas com um empobrecimento ideológico muito grande: “o kit gay”, “o PT vai sexualizar as crianças”, “mamadeira de piroca”, coisas muito infantis e superficiais. E as pessoas também são muito bombardeadas por esse tipo de conteúdo retrógrado e moralista, o tempo todo. Então, a ideia que acaba se formando é de que a família está em perigo, que eles devem proteger as crianças e do campo progressista sendo demonizado.” [Esther Solano — entrevista](#)

As narrativas conservadoras também dialogam bem com as tendências e desafios existentes na sociedade, baseando-se neles



para potencializar a adesão a suas posições. Explorar um contexto de crises política e econômica ou o sentimento de insegurança ou solidão, por exemplo, gera oportunidades para propagação e permeabilidade dos posicionamentos e críticas. O foco da comunicação do campo conservador está no engajamento, relacionado à adesão imediata:

“Se o algoritmo das redes sociais é programado para oferecer ao usuário qualquer conteúdo capaz de atraí-lo com maior frequência e por mais tempo à plataforma, o algoritmo dos engenheiros do caos os força a sustentar não importa que posição, razoável ou absurda, realista ou intergaláctica, desde que ela intercepte as aspirações e os medos — principalmente os medos — dos eleitores.”

Os Engenheiros do Caos, p. 20

Soma-se a isso a estratégia de fomentar um ambiente de pseudoinformação, por meio do descrédito das fontes de informação tradicionais — incluindo a imprensa, os canais de comunicação (jornal, televisão, rádio, grandes portais de notícias), a academia e os centros de pesquisa. Como consequência do grande volume de informações veiculadas na internet e redes sociais, a precariedade da qualidade dos fatos e dados que são transmitidos, junto com a dificuldade de identificação das fontes das notícias, impede que as pessoas consigam discernir entre informações verdadeiras e falsas.

Dentro desse ponto, há um forte debate sobre a utilização das *fake news* e da *trollagem* como recursos na disputa de poder¹⁰. Além da indissociação entre seriedade e brincadeira, realidade e fantasia,

¹⁰ Vale ressaltar que, apesar de esta discussão sobre o uso das *fake news* estar sendo aprofundada nesta seção, reconhece-se que ela é utilizada também na comunicação do campo progressista.



verdade e mentira, esses mecanismos fomentam a polêmica e têm um forte potencial de deslegitimação das ideias e atores aos quais se contrapõe. Para isso, o humor também tem sido um elemento explorado de forma exitosa pelo campo conservador, como forma de adaptação da linguagem utilizada que é capaz de captar a atenção e tornar o processo de absorção de uma mensagem prazeroso — no sentido de aliar a informação à diversão.

“Como uma camada extra de dissociação, aquilo que a pesquisadora Whitney Phillips chamou de ‘máscara da trollagem’ cria uma barreira afetiva que permite ao troll minimizar as consequências do que faz e sustentar a inocência de suas intenções — que não pretendem causar mal algum, são ‘apenas diversão’. [...] Não há reciprocidade: ele não brinca com, mas às custas do outro, para diversão sua e de um público capaz de entender e apreciar o espetáculo. [...] A dupla comunicação, e o fato de que é o troll quem decide quando está brincando e quando está falando sério, são a base da técnica característica da *alt-right* de introduzir ideias ‘polêmicas’ e ‘controversas’ no debate público de maneira irônica, humorística ou com certo distanciamento crítico, mantendo sempre a dúvida sobre o quanto ali é brincadeira ou para valer.” [Rodrigo Nunes](#)¹¹

Fomentar a cisão, a polarização e o ódio também é uma estratégia importante na construção e mobilização narrativa do campo conservador:

“[...] o jogo não consiste mais em unir as pessoas em torno de um denominador comum, mas, ao contrário, em

11 Artigo “Alvim errou a mão na trollagem bolsonarista inspirada na direita dos EUA”, de Rodrigo Nunes.



inflamar as paixões do maior número possível de grupelhos para, em seguida, adicioná-los, mesmo à revelia. Para conquistar uma maioria, eles não vão convergir para o centro, e sim unir-se aos extremos. [...] a nova propaganda se alimenta sobretudo de emoções negativas, pois são essas que garantem a maior participação, daí o sucesso das fake news e das teorias da conspiração.” Os Engenheiros do Caos, p. 21

Nas estratégias de comunicação adotadas por canais, meios de comunicação e organizações do campo conservador, chama a atenção o fortalecimento do posicionamento “politicamente incorreto”, diretamente relacionado à deslegitimação das pautas identitárias. Posturas desse tipo se baseiam em uma “liberdade de preconceito”, uma espécie de “direito à discriminação” (termos utilizados por participante da oficina).

A PRÁTICA DE COMUNICAÇÃO DO CAMPO PROGRESSISTA

Assim como no campo conservador, algumas características marcam as estratégias e as dinâmicas de comunicação utilizadas pelo campo progressista para transmitir suas pautas, causas e ideias.

Uma prática comum adotada por parte campo progressista diz respeito a ter como ponto de partida, quase que exclusivamente, o seu olhar sobre o mundo e de como gostaria que esse mundo fosse, muitas vezes de forma idealizada e sem ligação com a realidade. Tal postura gera a perda de conexão com públicos “fora da bolha” e impede captar a percepção sobre quem está em silêncio a respeito de determinadas pautas. Além disso, a linguagem utilizada é reconhecida como elitizada,



demasiadamente racional, reforçando a ideia de superioridade, o que, por sua vez, gera constrangimentos e silencia ainda mais pessoas com valores mais próximos ao conservadorismo.

Considerando as possibilidades de estabelecer diálogos entre pessoas diferentes, o estudo *O Conservadorismo e as Questões Sociais* aponta que existem dois pontos de comunicação adotados usualmente pelo campo progressista que dificultam o estabelecimento de conexões e de diálogo: a “lacração” e o “vitimismo”. A “lacração” é entendida como uma forma arrogante e autoritária de comunicação, onde uma pessoa se coloca como superior a outra e encerra a discussão, geralmente com uma frase de efeito. Muitas vezes, a lacração está acompanhada do deboche e da ironia. Já o “vitimismo” é entendido — pelo conjunto de pessoas pesquisadas — quando uma pessoa se coloca de antemão como “vítima” por um aspecto de identidade: ser mulher, pessoa negra ou LGBT, por exemplo.

“A forma com que o campo progressista aborda alguns posicionamentos fez com que as pessoas silenciassem o que elas pensam. Com isso, as pessoas não falam, mas também não mudam, e aquelas emoções de frustração e rejeição se acumulam. Ideias ou emoções não expressadas vão para algum lugar. O campo progressista atua nas redes sociais com uma postura muito punitiva, seja pela lacração, punitivismo ou cancelamento, punindo pelo que a pessoa falou. Além de arrogante, é uma postura que não funciona. A punição funciona de forma pedagógica, mas não pode ser a única.” Rafael Poço — entrevista

Entrar em uma conversa como se estivesse colocando ali uma tese completa e pronta sobre determinados temas, sem margem para



construção com diferentes públicos, é outra estratégia repetidamente praticada pelo campo progressista, que pode gerar distanciamentos ainda maiores com quem pensa e sente de maneira diferente.

“Os temas tratados são muito abertos, complexificados, densos. Nas nossas abordagens, não conseguimos fragmentá-los. É necessário tratar do simples dentro de cada tema complexo.” participante da oficina

Outra tendência identificada é a de infantilizar ou inferiorizar quem tem uma visão divergente. Considerando essa postura, também percebida como arrogante, não surpreende que se agrave o abismo entre as ideias progressistas e as ideias das pessoas conservadoras. Somado a isso, há a percepção de que a disputa de narrativas pelos diferentes atores e atrizes do campo progressista colabora para a construção de uma imagem difusa e confusa sobre as temáticas ou causas.

“Somos arrogantes intelectualmente, esse debate de desigualdades estruturais não está colocado para todo mundo e nem todo mundo acessa isso. A gente vem de um campo racional, intelectualizado. As universidades, por exemplo, estão encapsuladas nos seus espaços. No campo progressista isso não é novidade, tem muita disputa, é pouco colaborativo entre si, tem uma disputa das pautas progressistas, pelos próprios núcleos progressistas.” participante da oficina

Na prática comunicativa do campo progressista, chama a atenção como o elitismo da parcela de grupos de classe alta que o compõem leva, muitas vezes, a um contrassenso explicitado por Esther Solano¹²:

12 Entrevista Esther Solano.



“somos progressistas, mas não conseguimos dialogar com o campo popular”. Dentro desse ponto, vale uma reflexão sobre como essas atitudes podem estar expressando preconceito religioso, de classe ou racismo, por exemplo.

“A gente não faz ideia de como entrar nas igrejas, a gente não tem repertório para trabalhar com esse público e eles não estão no nosso cotidiano, nem nas redes e nem na nossa vivência cotidiana. Tem uma certa elitização do campo progressista.” participante da oficina

“O ponto de conexão, além de se basear no interesse real pela outra pessoa ou outro grupo, esbarra na dificuldade que o campo progressista tem em compreender como as pessoas conservadoras pensam e, assim, se despir de possíveis preconceitos.” Esther Solano – entrevista

Como explica Rafael Poço¹³, o campo progressista tende a justificar de forma aprofundada as suas crenças, tendo a ilusão que entende muito bem uma problemática, um tema. No entanto, como posto anteriormente, no próprio campo progressista, há pessoas que desconhecem as realidades vividas por parte da população em seu cotidiano e o que pensam e sentem a respeito dos temas tratados. Essa armadilha está ancorada no viés conhecido como “maldição do conhecimento”¹⁴, como aponta o especialista:

“A gente tende a conversar com as pessoas, presumindo que temos o mesmo entendimento e diagnóstico sobre o

13 Fala de Rafael Poço em sua apresentação na oficina sobre contribuições da neurociência para esse debate.

14 O termo “maldição do conhecimento” é abordado no livro *Ideias que colam*, de Dan Heath e Chip Heath.



problema, sobre o que aconteceu, sobre o que causa esses problemas e, portanto, a gente fala a partir daí. As pessoas não se importam com quanto você sabe (sobre o assunto/tema), elas querem saber o quanto você se importa, então tira a dimensão do quanto você sabe, de quanto a gente sabe, de quanto a gente tem que doutrinar, mudar as pessoas, ensinar porque a gente estudou, e coloca o foco em como é que eu faço as pessoas saberem que eu me importo com elas, antes de abordar as nossas diferenças.” [Rafael Poço — entrevista](#)

Também se percebe que, muitas vezes, ao tentar defender tão veementemente suas pautas, o campo progressista acaba gerando audiência e reforçando a estratégia do campo conservador. A comunicação de causas progressistas se torna dispersa e perde força ao se desviar de uma intencionalidade clara (estratégias e objetivos definidos) e pulverizar suas ações reagindo às colocações polêmicas e tentando desconstruir posições consideradas absurdas vindas do campo conservador.

“O jogo da *alt-right* também é muito eficiente em explorar a indignação de seus adversários para seus próprios fins. Primeiro porque, na economia das redes, engajamento é tudo, não importa se bom ou ruim. Cada trollagem bem-sucedida produz uma onda de ultraje que leva milhares de pessoas a divulgar o material ‘polêmico’ e sua fonte, aumentando sua circulação, visibilidade e viabilidade financeira ou eleitoral. [...] Segundo, porque as reações indignadas podem então ser usadas para retratar os adversários como uma versão ainda mais caricata daquilo que se criticava; como otários que caíram na armadilha; como patrulhadores, inimigos da liberdade de pensamento,



elitistas; ou ainda como moralistas, sem senso de humor, emocionalmente descontrolados.” [Rodrigo Nunes](#)¹⁵

“Nós prestamos muita atenção a problemas mais esdrúxulos e folclóricos — como ‘kit gay’, ‘mamadeira de piroca’. Talvez devêssemos prestar menos atenção às coisas mais folclóricas e prestar mais atenção aos problemas do dia-a-dia. [...] Nas questões sobre mulheres, por exemplo, você acaba prestando mais atenção nas declarações esdrúxulas da Damares [Alves, Ministra de Estado da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos] sobre abstinência sexual e, quando você conversa com as pessoas, o problema não é esse — eles falam contra o aborto, mas fazem aborto, precisam de segurança hospitalar para as mães, não têm saúde pública para a mulher. Então, você pode entrar por esses caminhos, mas aí você se deixa levar [por essas colocações do campo conservador].” [Esther Solano — entrevista](#)

Assim, se por um lado, o campo conservador explora o humor de uma maneira dúbia, o campo progressista tem receio de rir de si mesmo, dos próprios erros e, ao mesmo tempo, mantém uma postura mais séria nas suas práticas de comunicação. Esses dois fatores associados podem fortalecer ainda mais a percepção de arrogância, além da dificuldade de inovar em suas estratégias comunicativas.

A seriedade adotada na abordagem comunicativa também se expressa no grande uso cotidiano de dados, o que se justifica pela necessidade de contrapor o ambiente de pseudoinformação e *fake news*. Porém, tal estratégia não tem engajado novos públicos:

15 Artigo “Alvim errou a mão na trollagem bolsonarista inspirada na direita dos EUA”, de Rodrigo Nunes.



“A gente dialoga muito a partir de dados, mas os dados não têm engajado. Então, como a gente consegue dialogar sem abrir mão desses dados, das realidades? E é uma desqualificação das fontes de informação, isso também é um obstáculo, porque a gente está muito vinculado com essas fontes de informação críveis.”

participante oficina

Por fim, na prática comunicativa do campo progressista, chama a atenção o grande acúmulo de abordagens e posicionamentos que, inegavelmente, contribuíram de maneira significativa para avanços importantes na garantia de direitos e debate público nas últimas décadas. O próximo capítulo traz provocações sobre como esse acúmulo pode ganhar força com novas possibilidades de narrativas.

The image features two silhouetted figures, a woman on the left and a man on the right, both wearing glasses and looking towards the right. They are positioned against a background of a sunset or sunrise over a body of water. The scene is overlaid with large, semi-transparent geometric shapes in shades of orange, green, and grey. In the top left corner, there is a white stylized number '3' on a dark circular background.

3

Caminhos e possibilidades

para mudar a forma de
comunicar causas



O capítulo anterior discutiu as tendências e práticas que são percebidas no atual cenário, relacionadas à comunicação de causas pelos diferentes campos. Compreendendo melhor como se dão as dinâmicas de diálogo e quais são os desafios para que eles se efetivem, fica a reflexão sobre como podemos estabelecer comunicações mais qualificadas.



Considerando que há um grupo social — aquele que se encontra na parte “do meio” do espectro político-ideológico — que está em disputa e que as práticas adotadas pelo campo progressista, de modo geral, têm afastado essas pessoas de suas causas, é urgente abandonar antigas roupas e abrir espaço para novas abordagens na maneira de acessar, escutar e falar com elas. Esta seção pretende iniciar essa conversa.

PRINCÍPIOS QUE ORIENTAM NOVAS ABORDAGENS DE COMUNICAÇÃO DE CAUSAS PROGRESSISTAS

“Na nova ‘economia da atenção’, é preciso explorar novas portas para engajar os cidadãos em uma causa de acordo com sua disponibilidade. As pessoas querem falar e não só ouvir, mas precisam ter canais atraentes para fazê-lo. As organizações da sociedade civil precisam ser mais flexíveis e valorizar a comunicação como parte intrínseca da promoção das causas que defendem.”

O Fluxo das Causas, p. 83



Diante dos desafios de comunicação de causas progressistas identificados na seção anterior, novas posturas e abordagens se fazem necessárias. O que precisamos deixar pra trás? Do que é importante cuidar e fomentar no diálogo com o público conservador moderado, conhecendo suas ideias e formas de estruturar o pensamento?

Antes de tudo, é fundamental encontrar pontos em comum. A partir de um conhecimento profundo sobre os valores caros aos grupos com os quais se pretende dialogar, é possível abordar as agendas e causas de modo mais potente e efetivo. Para tanto, é preciso se afastar das ideias pré-concebidas atribuídas a eles e reconhecer sua dor, “vestir seu sapato” e entender sua identidade — ao invés de negá-la ou agredi-la.

“[É fundamental buscar] elementos de conexão, e de proposição [...] também, sair do problema e ir para a proposta, [identificar] elementos de proximidade ao invés do academicismo (essa coisa ilustrada dos progressistas que sabem tudo), de empatia, ou seja, efetivamente entender e se colocar no lugar do outro.” participante da oficina

“Empatia não é nossa capacidade de se colocar no lugar do outro, mas sim a nossa capacidade de entender como o nosso lugar impacta o lugar do outro e de como esse impacto pode ser positivo, independente de qual lugar seja.” Mafoane Odara¹⁶

16 Fala de Mafoane Odara, do Instituto Avon, na mesa do evento de lançamento da pesquisa *O Conservadorismo e as Questões Sociais*.



Para conhecer o lugar da outra pessoa, é preciso escutá-la, de modo verdadeiramente interessado. As pessoas precisam de fato ser e se sentir ouvidas. A mudança de chave aqui é de, ao invés de pensar o que é preciso ser dito para convencer a outra pessoa, simplesmente escutá-la e, a partir da conexão gerada, criar possibilidades de ter suas ideias consideradas, e também de ser afetado pela perspectiva dela.

“O que nos faz querer conversar com quem pensa diferente é ser ouvido.” Mafoane Odara¹⁷

“[Isso] é quase um elemento básico de comunicação: você não pode fazer nenhuma campanha sem escutar quem você quer atingir. É quase um ‘ouça o público alvo da sua campanha, antes de fazer a campanha’.”

participante da oficina

O que se propõe é uma abordagem que fortaleça a ideia de que existe pertencimento, algo que une quem comunica à sua interlocutora ou interlocutor. Para além das diferenças, há uma solidariedade maior que permite o estabelecimento de relações, considerando-se:

“A importância de coesão social, um sentimento de que a gente pertence a alguma coisa comum, apesar de todas as nossas diferenças, é fundamental para a inclinação de se preocupar com o outro, de se preocupar com o bem comum [...]. Então, tem muita literatura sobre a importância de, por si só, independente das causas, construir confiança e coesão social.” participante da oficina

“Esse é o fator mais importante para a gente pensar como é que a gente vai comunicar as nossas causas,

17 Idem.



como isso que eu estou fazendo não agride a identidade das outras pessoas, como é que eu faço, então, para que elas se sintam pertencentes a algo maior, (...) que nos coloca como parte de uma mesma relação.” Rafael Poço¹⁸

Como já evidenciou a pesquisa *O Conservadorismo e as Questões Sociais*, é necessário enfatizar valores compartilhados e buscar consensos mínimos. Para isso, o convite é para que o campo progressista fortaleça uma postura de respeito e sensibilidade para identificar pontos de conexão com diferentes grupos sociais, com atenção à diversidade existente dentro de cada um deles e compreendendo que diferentes valores coexistem.

Um caso emblemático disso, e para o qual há crescente atenção, é a necessidade de conhecer mais profundamente os públicos evangélicos, despindo-se de preconceitos e com real interesse em entender sua perspectiva. O Pastor Henrique Vieira é um dos religiosos que vêm chamando a atenção para a necessidade de, no campo religioso, “disputar a compreensão da memória bíblica”, retomando uma interpretação comunitária e trazendo para a superfície noções como respeito ou diversidade, que estão fortemente presentes nesse pensamento teológico.

Um exemplo de como a compreensão da perspectiva da interlocutora ou interlocutor pode gerar muitas oportunidades de pontos de encontro é trazido por Henrique Vieira. O pastor aponta para o fato de que, ao contrário do que um olhar mais generalizante pode supor, a concordância das pessoas evangélicas com a frase “bandido bom é bandido morto” é bastante baixa (o que foi identificado nos resultados

18 Fala em sua apresentação na oficina.



de uma pesquisa realizada no Rio de Janeiro)¹⁹. Isso porque, como ele explica, no referencial teológico evangélico, é muito forte a experiência de conversão e de resgate das pessoas que estão em situações difíceis com apoio da igreja. Assim, a compreensão mais profunda deste referencial abre novas possibilidades para que agendas como segurança pública, respeito aos direitos humanos, redução da idade penal ou pena de morte, por exemplo, possam ser veiculadas a partir de uma nova abordagem, mais próxima às visões das pessoas evangélicas. Nessa linha, Henrique Vieira²⁰ destaca que:

“Essa massa evangélica que cresce no Brasil hoje é majoritariamente popular, periférica e negra, composta de trabalhadores e trabalhadoras. Eu acho que isso nos dá um indício de como chegar e sobre o que falar. Porque nós podemos chegar nesses espaços e falar sobre transporte público, salário mínimo, saneamento básico, segurança pública, que atinge, muitas vezes, a vida dessas famílias. Ou seja, esses temas do cotidiano geram pontos de conexão. Talvez seja a fala introdutória para gerar uma escuta sincera. Vamos conversar sobre a vida neste território, nesta comunidade. O que tem a ver com dignidade humana, com emprego, com renda. Porque isso vai tirando esse véu do distanciamento e essa polarização muito perigosa. Daqui a pouco vai ser democracia versus evangélicos. E a democracia vai perder!”

19 Pesquisa “*Olho por olho? — O que pensam os cariocas sobre ‘bandido bom é bandido morto’*”, realizada pelo Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CeSeC) da Universidade Cândido Mendes, e coordenada por Julita Lemgruber, Leonarda Musumeci e Ignacio Cano.

20 Fala do pastor Henrique Vieira na mesa do evento de lançamento da pesquisa.



Para se inspirar! Livro *Jesus e os Direitos Humanos*

O livro *Jesus e os Direitos Humanos* tem como proposta aproximar a Declaração Universal dos Direitos Humanos da Bíblia e da vida de Jesus.

Trata-se de um trabalho coletivo que reúne textos que buscam combinar “a profundidade necessária, a linguagem acessível e a Bíblia como principal referencial teórico” (p. 9). Cada capítulo foi escrito por um ou dois pastores ou pastoras e abordam temas como gênero, relações raciais, segurança privada e pública, violência, dentre outros.

Com isso, busca-se mostrar que “a Bíblia não pertence a um grupo específico e evangélicos não são um grupo único”, tendo sempre havido “evangélicos que, assim como Jesus, amaram os Direitos Humanos e a dignidade, que souberam viver com aqueles e aquelas que eram diferentes deles e, que viram no Evangelho, inspiração e razão suficiente para entender o que é defender justiça e igualdade.” (p. 12).



O convite aqui colocado não é para abandonar uma postura crítica, mas para abrir espaço para que o campo progressista adote uma abordagem que vá além da crítica ou da identificação de problemas e seja mais propositiva — evidenciando alternativas e criando espaço para que outras visões possam somar na busca por soluções.

“Criar algo bom, não apenas reduzir algo ruim.”

Guia “Comunicação no contexto” atual, p. 16

“Deixar de problematizar e começar a solucionar. Tudo é um problema. Precisamos apontar soluções na nossa fala. É preciso abordar o problema, mas não ficar só na problematização.” participante da oficina



O DESAFIO DE SE COMUNICAR SEM ABRIR MÃO DE POSICIONAMENTOS E VALORES

“[...] reconciliar está sendo colocado, pelo modo como eu entendo, como um ato político. Porque, de algum modo, a gente está propondo uma outra visão, que não necessariamente significa que a gente está abrindo mão de disputar narrativas, só que a gente está estabelecendo um chão de afeto para, a partir daí, poder discutir política também de outras maneiras.” Participante da oficina

A proposta de adoção de uma abordagem voltada à escuta empática e à busca de pontos de encontro para possibilitar o diálogo entre diferentes campos implica uma maior abertura e até mesmo revisão de conteúdos, posturas e estratégias de comunicação. Mas também é importante considerar que as pautas abordadas pelo campo progressista são fruto de uma ampla construção teórica e prática, da luta histórica de indivíduos, coletivos, organizações da sociedade civil, movimentos sociais, partidos políticos e academia. De imediato, pode surgir uma inquietação sobre em que medida essa abertura ao diálogo com grupos conservadores pode significar deixar de lado agendas e posicionamentos caros, e até mesmo inegociáveis, para o campo progressista.



Esse é um assunto presente em muitos debates no campo e, dentro desta reflexão, desdobra-se em dois principais pontos. Em primeiro lugar, é importante considerar que o que se propõe com o convite aqui colocado não deve ser entendido como algo mandatário às organizações progressistas, mas sim como motivações que surgem de uma leitura de que as práticas até então adotadas encontram desafios em difundir pautas a grupos que não os que já concordam ou tendem a concordar com elas. Mas segue sendo importante que atrizes e atores do campo progressista se mantenham e fortaleçam uma postura de resistência, de não flexibilizar o posicionamento. Ou seja, nem todas e todos precisam se propor a essas novas abordagens e tão pouco há uma receita de como fazer isso. Trata-se de se abrir à experimentação de novos olhares, novas interlocuções e novas maneiras de ouvir e falar. E, acima de tudo, humanizar parte de um grupo que se percebe solitário e não se posiciona conscientemente em algum espectro político-ideológico.

“É importante ter alguém que está esticando a corda!”
participante da oficina

“Como assumir essas diferentes facetas? Acho esse um desafio muito grande para os coletivos, para as organizações, de como assumir esses diferentes momentos de abordar essa linguagem aqui, essa linguagem ali, então, isso é uma coisa que eu fiquei refletindo, de que talvez não seja nem sadio o campo inteiro progressista aprender essa ‘fórmula mágica’. Talvez a gente precise mesmo, enquanto campo progressista, estar mais alinhado para saber que essa frente está olhando e cuidando dessas relações, essa outra frente está ensinando o restante do campo a também cuidar dessas relações, o oposto.” participante da oficina



Mesmo para quem se propuser a dar esse passo, a mudança estaria muito mais relacionada à incorporação de novos repertórios e perspectivas — que permitam acessar e considerar visões de quem está “fora da bolha” — do que mudar posicionamentos, opiniões e valores.

“Ninguém aqui veio hoje pensando ‘como é que eu vou abrir mão de valores para falar com novas pessoas?’. Foi pensando: ‘como é que reafirmando os meus valores eu entendo que as relações são muito importantes e que para eu conseguir preservar as relações é preciso que a abordagem seja feita para outra região do cérebro’.”

Rafael Poço²¹

O segundo desafio que se desdobra dessa reflexão é de que a proposta de fortalecer uma postura de abertura ao outro não signifique, por um lado, buscar a neutralidade e nem, em outro extremo, orientar-se ao *convencimento* da interlocutora ou interlocutor.

“Não se trata de uma perspectiva colonizadora do pensamento, mas de entradas pro diálogo.” Henrique Vieira²²

“A mudança é uma porta que só tem maçaneta para o lado de dentro. Você não vai conseguir abrir essa porta. Você não tem o direito de abrir essa porta. Quem tem quer abrir é a pessoa. Acho que o que dá para fazer, é bater na porta e falar ‘pode vir, está seguro aqui, aqui é um lugar seguro’ e fazer convites que sejam interessantes, que sejam reflexivos, que sejam gostosos para, quem sabe, essa pessoa resolver abrir a porta. E pode ser que ela não abra. Então, eu acho que a gente

21 Fala em sua apresentação na oficina.

22 Fala do pastor Henrique Vieira na mesa do evento de lançamento da pesquisa.



tem que partir desse princípio que o convencimento está muito errado. Tem que ser convite. Convencimento é até castrador, é catequizador, colonizador.” [participante da oficina](#)

“Reconsiderar que estamos de fato em uma disputa. Temos que ir para o lugar da neutralidade? O que já abrimos mão nos últimos anos? [...] Temos postura e estratégia, mas o que não abrimos mão? Não podemos ser ‘isentões’. Temos que ser ponderados.”

[participante da oficina](#)

DICAS PRÁTICAS PARA CONSTRUÇÃO DE NOVAS NARRATIVAS

“Uma mensagem poderosa não diz o que já é popular. Uma mensagem poderosa torna popular o que precisa ser dito.”

[Guia “Comunicação no contexto atual”, p. 16](#)

A chegada da extrema-direita ao poder em várias partes do mundo, inclusive no Brasil, desafia os ideais e valores progressistas. No momento em que vivemos, faz-se urgente construir narrativas capazes de mobilizar novos públicos. Sem a pretensão de trazer um manual sobre como comunicar causas, esta seção sintetiza alguns pontos aqui discutidos de modo propositivo e busca inspirar possíveis caminhos para a construção de



novas práticas e abordagens. Trata-se de recomendações gerais para que organizações diversas que compõem o campo progressista se permitam arriscar, experimentar e inovar mais em sua forma de comunicar causas.

CONECTAR-SE COM TEMAS CONCRETOS E VIVÊNCIAS COTIDIANAS DAS PESSOAS

Conhecer como pensam e quais são os valores das pessoas que estão hoje no espectro do conservadorismo é uma forma de olhar para as questões sociais escutando de maneira cuidadosa suas vozes. Buscar alternativas que permitam contato e proximidade para além das redes sociais, com ações e práticas presenciais nos territórios, é um movimento interessante nesse sentido.

Iniciar uma narrativa de um ponto micro, passando ao estrutural somente em um segundo momento, pode ser boa estratégia para alguns contextos de comunicação. Conte histórias que valorizem situações de superação e resiliência, mas conectando-as com o coletivo e a estrutura social, de modo a não reforçar a ideia de meritocracia. Percepções individuais como “sofro racismo todos os dias”, “minha mulher não consegue emprego depois que engravidou”, “gays sofrem mais violência”²³ podem ser formas de olhar para temas complexos que são mais palpáveis e próximos da realidade do público conservador moderado — e que, portanto, lhes fazem mais sentido.

O reconhecimento das desigualdades entre homens e mulheres, entre pessoas brancas e pessoas negras, entre heterossexuais e pessoas LGBTQIA+ é presente dentre o público conservador moderado. Muitas vezes, as barreiras para o diálogo não estão no conteúdo das

23 Os exemplos de percepções que aparecem entre aspas são referências identificadas na pesquisa *O Conservadorismo e as Questões Sociais*.



mensagens, mas na sua forma. Se há uma percepção de que soluções estatais são ineficientes e levam à corrupção, por exemplo, isso não significa que esse grupo não reconheça as desigualdades e injustiças que enxergam no seu dia a dia. Por isso, é importante dialogar com a experiência cotidiana desse público, conectando suas vivências com causas mais amplas e estruturais.

BUSCAR PONTOS DE ENCONTRO

Comunicar mais sobre os valores que sustentam as causas pode ser um meio para identificar pontos de encontro com quem pensa diferente.

Tomando como exemplo um tema já tratado nesta publicação: de que forma o conceito de *família*, comumente entendido como exclusivo do campo conservador, pode ser valorizado nas agendas progressistas, conectado a pautas feministas ou combinado a outras “lentes” — como direito à moradia digna, relações comunitárias, identidade e direitos civis de pessoas LGBTQIA+, segurança pública? Como propõe Henrique Vieira²⁴:

“É fundamental conversar sobre o conceito de família e descobrir, junto com as pessoas, que família tem a ver com moradia (para a família viver), tem a ver com salário (para a família poder sobreviver e se sustentar), tem a ver com acesso à saúde e à educação, tem a ver com transporte (porque as pessoas chegam mais rápido em casa se o transporte for eficiente e conseguem conviver mais com seus familiares). Ao invés de rejeitar o conceito ‘família’, como se ele fosse monopólio do campo

24 Fala do pastor Henrique Vieira na mesa do evento de lançamento da pesquisa.



conservador, ou como se ‘amor’ fosse monopólio do campo conservador, ou ‘vida’... Daqui a pouco, a gente não tem mais do que falar! Temos que falar sobre amor, sobre a vida e sobre a família.”

EXERCITAR UMA POSTURA DE ABERTURA À TROCA

Estar disponível para a troca amplia as possibilidades de conexão com a outra pessoa, que se sente respeitada, ao invés de persuadida. É fundamental que ela não se sinta levada a ter que pensar de um determinado jeito. Evite iniciar uma conversa, uma campanha ou uma estratégia de comunicação com um tom de “temos as respostas” ou “vamos te iluminar”, que possa reforçar o receio de “doutrinação” por parte das pessoas conservadoras. Perguntar mais e afirmar menos pode ser uma boa alternativa para fugir dos vícios do convencimento.

USAR LINGUAGEM SIMPLES E DIRETA

Linguagem rebuscada, acadêmica, textos longos e conceituais, aliados ao uso excessivo de dados, são mecanismos que afastam o público conservador moderado. Buscar a simplicidade na linguagem e na forma de elaborar ideias sem, contudo, ser simplista ou superficial ao tratar temas complexos é outro fator importante a ser considerado, ainda que reconhecidamente desafiador.

Construir uma narrativa que privilegie o bom humor e reforçar o uso de imagens e outros recursos visuais podem ser alternativas interessantes. O humor é uma boa saída para acessar a emoção e superar a visão dicotômica que a separa da razão. Mas, ao mesmo tempo, evite o uso do deboche e da ironia, que podem afastar e desqualificar as conversas.



USAR VOCABULÁRIO COMPLEMENTAR OU ALTERNATIVO

Evitar termos consolidados e caros ao campo progressista, buscando maneiras alternativas de transmitir as ideias e valores por trás deles, é um passo fundamental para diminuir resistências imediatas que podem surgir no diálogo com o público conservador. Como explicado por Rafael Poço²⁵, segundo a neurociência, nosso cérebro desenvolveu estruturas, como a amígdala, responsáveis por atribuir significado emocional a determinadas experiências, o que pode ocorrer de forma inconsciente (sem que a pessoa perceba que foi exposta a tal estímulo). Por exemplo, se para uma pessoa conservadora determinada expressão do repertório progressista estiver associada a emoções negativas, pode ser bastante difícil conseguir alguma conexão inicial a partir destes termos. Será preciso, primeiro, contornar ou quebrar essa associação.²⁶

“Algumas palavras carregam significados negativos para certos grupos, ainda que sejam cercadas de entendimentos positivos para outros. [...] Essas palavras não devem ser invisibilizadas, pois têm poder. Mas ao sermos capazes de usar linguagens e abordagens complementares podemos alcançar quem está fechado a esses termos, por já terem predisposição para a conotação e interpretação negativa destes.” (*Derrubando Muros e Construindo Pontes*²⁷, p. 47)

25 Fala em sua apresentação na oficina.

26 Esse fato explica o porquê, na pesquisa *O Conservadorismo e as Questões Sociais*, as pessoas entrevistadas refutam o termo “direitos humanos”, apesar de afirmarem ser contra todo tipo de violência, por exemplo.

27 Estudo *Derrubando Muros e Construindo Pontes*, realizado por Instituto Avon e PapodeHomem.



Experimentar outras linguagens e abordagens pode ser uma opção útil em certos contextos. Conseguimos dialogar sobre temas de gênero sem usar palavras como “feminismo”, “machismo”, masculinidade tóxica”, “patriarcado”, por exemplo? Certamente, essas palavras não devem ser invisibilizadas, pois têm uma construção histórica relevante e necessária. No entanto, o uso de linguagens e abordagens complementares podem alcançar quem está fechado a esses termos, pelo menos para o início de uma conversa.

Para inspirar: [*Campanha #PrimeiroAssedio, da Think Olga, e o documentário O Silêncio dos Homens, realizado pelo PapodeHomem.*](#)

TRATAR DAS AGENDAS POR PARTES

Comunicar causas sociais complexas é um processo longo que exige gradualismo e segmentação. Compartimentalizar temas que fazem parte de questões estruturais cria possibilidades de aproximação, curiosidade e abertura para uma nova conexão, sem necessariamente apresentar a tese completa ou abordar toda a complexidade de uma vez, em uma única estratégia de comunicação. Tratar das pautas densas em passos mais modestos não significa desconsiderar sua complexidade, mas criar um percurso mais pedagógico e paciente para que quem esteja distante delas tenha a oportunidade de se aproximar.

4

Mensagens finais





Esta publicação teve a intenção de explorar como as práticas comunicativas têm ocorrido na difusão de causas sociais e quais são as mudanças e chamados que se explicitam a partir dessa leitura. Nesse percurso, há uma série de perguntas, tensões e inquietações que se colocam e nossa atenção esteve direcionada a identificá-las e refletir a seu respeito.



Considerando que este é um debate atual, complexo e permeado por visões e posicionamentos distintos, cabe ao campo progressista se propor a experimentar caminhos, testar soluções e compartilhar seus aprendizados sobre novas formas de comunicar suas causas.

A SEGUIR, SÃO DESTACADAS
ALGUMAS **IDEIAS-CHAVE** QUE
ORIENTAM ESTA PUBLICAÇÃO:



Vivemos um momento social marcado pelo forte desafio em estabelecer diálogos reais, isto é, orientados pelo interesse genuíno em relação a quem se está interagindo e com abertura para também ser transformado a partir de sua visão.



As diferenças de opinião e visões de mundo são uma qualidade das democracias e é fundamental garantir o espaço para que elas possam ser expressadas e debatidas. Entretanto, o problema do atual contexto de forte polarização é justamente a impossibilidade do diálogo, já que os diferentes lados tendem a se fechar a escutar e considerar quem tem opinião distinta da sua.



As pessoas precisam se sentir compreendidas, acolhidas e respeitadas. Propor-se a escutá-las e, de fato, entender suas perspectivas, forma de estruturar o pensamento e necessidades afetivas, despindo-se de preconceitos e com empatia e real interesse, é fundamental para encontrar valores e ideias comuns. Essa postura e prática pode abrir caminhos interessantes para acessar e dialogar com diferentes grupos e fomentar relacionamentos e olhares mais humanizados sobre o público conservador.



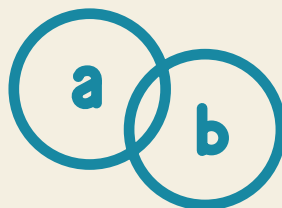
4

Esse convite ao diálogo, com base na **escuta**, distancia-se de uma perspectiva de provar os próprios pontos e convencer aquela ou aquele com quem se está interagindo.



Para comunicar suas causas com mais qualidade e efetividade, o campo progressista precisa abandonar algumas práticas e posturas, para criar espaço para que novas abordagens e soluções possam surgir. Isso não implica desconsiderar seu acúmulo e conquistas ou deslegitimar sua trajetória.

A busca por pontos de **encontro** com grupos do campo conservador não significa abrir mão de posicionamentos e valores, mas sim acessar suas perspectivas e incorporar novos repertórios.



Em termos práticos, o campo progressista pode exercitar mais fortemente: o uso de linguagem simples e direta e de vocabulário complementar ou alternativo; a conexão com temas concretos e vivências cotidianas das pessoas; e o tratamento de suas agendas por partes (sem necessariamente abordar toda sua complexidade de uma só vez).

5



Rede: FTAS
Senha: atomb2005

Referências





NAT SHENKER-OSORIO. *Comunicação no contexto atual: um guia para comunicadores progressistas*. Center for Community Change. Tradução: Rede Narrativas. 2019. Disponível em: https://narrativas.org.br/wp-content/uploads/2019/08/Guia-Comunicadores-Progressistas_-_Narrativas.pdf.

FUNDAÇÃO TIDE SETUBAL; PLANO CDE. *O conservadorismo e as questões sociais*. São Paulo. 2019. Disponível em: <https://conteudo.fundacaotidesetubal.org.br/downloadconservadorismo>.

INSTITUTO ARAPYAUÍ; CAUSE; SHOOT THE SHIT. *O fluxo das causas: os desafios da comunicação de causas sociais depois da revolução digital*. 2016. Disponível em: <http://www.cause.net.br/wp/wp-content/uploads/2016/08/o-fluxo-das-causas.pdf>.

INSTITUTO AVON; PAPODEHOMEM. *Derrubando Muros e Construindo Pontes: como conversar com quem pensa muito diferente de nós?*. 2019. Disponível em: <https://papodehomem.com.br/pontes/>.

GIULIANO DA EMPOLI. *Os Engenheiros do Caos: como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições*. Vestígio: 2019.

GNT. *Meia Palavra*. 2018. Disponível em: <http://gntapps.com.br/estudos-gnt/meia-palavra.html>.

USINA DE VALORES. *Jesus e os direitos humanos: porque o reino de Deus é justiça, paz e alegria*. Ronilso Pacheco; João Luiz Moura (Orgs.). Rio de Janeiro: Vlado, 2018. Disponível em: <https://usinadevalores.org.br/jesus-e-os-direitos-humanos-download-desktop/>.



RODRIGO NUNES. “Alvim errou a mão na trollagem bolsonarista inspirada na direita dos EUA”. *Folha de São Paulo*, 21 de janeiro de 2020. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/amp/ilustrissima/2020/01/alvim-errou-a-mao-na-trollagem-bolsonarista-inspirada-na-direita-dos-eua.shtml?_twitter_impression=true.

GIL ALESSI. “Contradições e bate-cabeça da campanha de Bolsonaro são intencionais”. Entrevista de Piero Leirner. *El País*, 29 de outubro de 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/24/politica/1540408647_371089.html.

Vídeos:

Mesa do evento de lançamento da pesquisa *O conservadorismo e as questões sociais* (2019), que contou com a participação de Esther Solano, Mafoane Odara e Henrique Vieira. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uzreiNJ52Ro>.

Entrevistas com especialistas:

Entrevista com Esther Solano, realizada em 12 de março de 2020.

Entrevista com Rafael Poço, realizada em 17 de abril de 2020.

Oficina Comunicação de causas: caminhos e possibilidades para novas narrativas (realizada em 11 de fevereiro de 2020)

Falas anônimas dos participantes durante as atividades em grupos e plenárias da oficina.

Fala de Rafael Poço em sua apresentação sobre contribuições da neurociência para o debate.